

1. Introdução

A verificação de contatos da cultura e religião persas com o Judaísmo do Segundo Templo é já analisada há muito, especialmente na literatura apocalíptica judaica intertestamentária. Os conceitos judaicos de vida após a morte, ressurreição e expectativas acerca do final dos tempos, por exemplo, sofreram consideráveis modificações. Essas modificações teriam criado uma nova perspectiva acerca do reino messiânico, especialmente a partir do livro de Daniel, incluindo a ressurreição, primeiramente dos mártires judeus. Essas modificações levaram os cristãos primitivos a duas perspectivas diferentes em relação à implantação desse reino, uma mais “histórica” e outra de cunho mais “escatológico”. A primeira seria mais condizente com a tradição judaica, um reino implantado em sequência a outros reinos na história humana, e a segunda reflete um reino em outra dimensão temporal, abrangendo todo o cosmos.

Sabe-se que a expectativa provocada pelo desconhecimento do futuro a partir da morte está presente já nas mais antigas civilizações, moldando ideias que foram se adaptando a novas formas de conceber a questão. Pelo estudo da História Comparada das Religiões, sabe-se hoje que Israel, desde sua formação, não foi uma espécie de *povo santo*, *isolado* das demais nações em termos políticos e sócio-culturais; ao contrário, ele interagiu com esses povos assimilando conceitos e, muitas vezes, adaptando-os. O javismo, por si só, estabeleceu seus pressupostos, inclusive éticos, com conotações positivas ou negativas, a partir do contato com a cultura e o imaginário religioso de seus vizinhos e predecessores. Alguns autores admitem que os antigos israelitas, ao registrarem seus textos, não estavam tão preocupados com o futuro no pós-morte; seu interesse se concentrava principalmente na vida presente, focando seu relacionamento de fé com Iahweh, diferentemente de seus vizinhos.¹

Apesar disso, ao longo das Escrituras Hebraicas encontram-se textos que remetem ao pós-morte, textos esses que merecem apreciação adiante, devendo ser tratados individualmente. Para tanto, deve-se efetuar também uma análise das concepções acerca do tema presentes na literatura dos predecessores e vizinhos de Israel. A temática da vida no pós-morte envolve conceitos que não podem ser tra-

¹ Cf., por exemplo, JOHNSTON, P. S. *Shades of Sheol: Death and Afterlife in the Old Testament*, p. 69: “A vida em si mesma era o ponto de partida e o foco da fé de Israel, ao passo que a morte e suas consequências traziam pouca preocupação”.

tados de forma isolada, mas sim como parte integrante das sociedades e culturas em que surgiram e se desenvolveram. O tema normalmente vem à tona no bojo do fenômeno apocalíptico.

Quanto a esse fenômeno e sua expressividade, iniciou-se uma nova era na pesquisa acadêmica desde a declaração de Ernst Käsemann de que a “apocalíptica é a mãe de toda a teologia cristã”² e o artigo de Wofhart Pannenberg sobre revelação e compreensão histórica do judaísmo e cristianismo.³ Questões sobre definições, taxonomia e fenômenos que envolvem a apocalíptica se seguiram, com Klaus Koch⁴, Hanson e Vielhauer⁵ e John J. Collins.⁶

Assim, todos esses trabalhos tiveram como auge o clássico *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*,⁷ com trinta e três artigos divididos em três seções: “The Phenomenon of Apocalypticism”; “The Literary Genre of Apocalypses”, e “The Sociology of Apocalypticism and the ‘Sitz im Leben’ of Apocalypses”. Os trabalhos nesta obra descreveram e analisaram quase todas as questões relativas ao estudo da literatura apocalíptica na antiguidade, introduzindo, assim, o mundo acadêmico definitivamente no tema em toda sua complexidade. Estudiosos de gerações anteriores tendiam a ignorar ou negligenciar a literatura apocalíptica, considerando-a tardia. Em verdade, durante muito tempo os escritos apocalípticos foram tratados como esotéricos e de difícil compreensão. Somente no século passado começaram a ter sua importância investigada. Essa importância cresceu na medida em que foi sendo constatada a grande participação desses escritos na formação do pensamento cristão, com sua influência nas crenças e expectativas do judaísmo tardio e, por conseguinte, do cristianismo primitivo, sendo os livros intertestamentários o principal exemplo disso.

Interessante notar também que o interesse pela literatura apocalíptica normalmente cresce em tempos de crise, como aconteceu após a Primeira Guerra

² KÄSEMANN, Ernst. Die Anfänge christlicher Theologie. In: *ZThK* 57 (1960), p. 162-185; aqui p. 180.

³ PANNENBERG, W. Dogmatische Thesen zur Lehre von der Offenbarung. In: *Offenbarung als Geschichte*, p. 91-114.

⁴ KOCH, Klaus. *The Rediscovery of Apocalyptic*, 1972 (original alemão em 1970).

⁵ HANSON, Paul D. *The Dawn of Apocalyptic: The Historical and Sociological Roots of Early Jewish Apocalyptic Eschatology*, 1975 (2. ed. em 1979); VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*, p. 513-555 (original alemão em 1975).

⁶ COLLINS, J. J. *The Apocalyptic Imagination: An Introduction to Jewish Apocalyptic Literature*, 1984 (2. ed. em 1998).

⁷ HELLMHOLM, David (Ed.). *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East: Proceedings of the International Colloquium on Apocalypticism, Uppsala, August 12-17, 1979* (Segunda edição ampliada com bibliografia complementar em 1989).

Mundial, assim como no primeiro século da Era Cristã (sob o domínio do Império Romano) e também na época macabaica da história de Israel (II século a.C.).

Assim, vários fatores contribuíram para o renascer do interesse pela apocalíptica, como a disponibilidade de novos textos (por exemplo, os manuscritos encontrados em Qumran),⁸ o reconhecimento pelos teólogos em geral da importância da apocalíptica no estudo teológico⁹ (ao contrário do pequeno valor dado ao tema no século XIX), ajudando na compreensão não só da profecia do AT, mas também dos Evangelhos e epístolas neotestamentárias, e a afinidade com o mundo moderno, em que incertezas, temores e tentativas de predizer o futuro, tudo calcado em crises sociopolíticas e religiosas, lembram circunstâncias de escritos apocalípticos. Atualmente se reconhece que a apocalíptica representa um desdobramento significativo no judaísmo intertestamentário, sendo fator importante para a compreensão do contexto histórico e teológico do NT, sobretudo em relação às crenças de teor escatológico e messiânico.

Uma das tendências nos estudos modernos é mudar o foco sobre a literatura apocalíptica: do papel de resistência cultural desempenhado pelos textos (enfoque dado do início da segunda metade do século XX até a década de 1980) para as experiências visionárias descritas nos textos (da década de 1990 em diante). Não se pode esquecer, porém, de que em muitos casos a experiência do visionário está em conexão com a resistência cultural pretendida pelo autor do texto, como representante de um grupo. Assim, a ênfase em enxergar a apocalíptica como literatura de resistência tem, recentemente, ganhado proeminência de novo.

Russell foi um dos pioneiros em afirmar que o gênero apocalíptico “era, essencialmente, um fenômeno literário que emergiu no judaísmo durante o domínio do rei selêucida Antíoco Epífanes (175-163 a.C.)”.¹⁰ Sobre a designação do gênero, ele assinala que:

A palavra “apocalíptico” é derivada do substantivo grego *apokalypsis*, que significa “revelação”. Entretanto, seu uso, com referência a esse gênero de literatura, é devido com toda probabilidade não ao caráter revelatório dos livros em questão,

⁸ Nas análises que já foram feitas no material encontrado em Qumran, fica clara uma estreita afinidade entre essa comunidade e outros grupos apocalípticos que deram origem a esse material. No caso de Daniel, por exemplo, foram encontrados pelo menos “sete manuscritos qumrânicos do livro de Daniel, o que certamente acusa sua apreciação entre os membros da comunidade” (RUSSELL, D. S. *Desvelamento divino: uma introdução à apocalíptica judaica*, p. 23). O mesmo ocorreu com outros livros do período intertestamentário, como o Livro dos Jubileus (fragmentos de pelo menos dez manuscritos) e 1 Enoque (material de dez manuscritos aramaicos diferentes).

⁹ Além de E. Käsemann e W. Pannenberg, citados acima, pode-se acrescentar, dentre outros, Jürgen Moltmann.

¹⁰ RUSSELL, D. S. *Apocalyptic: Ancient and Modern*, p. 3.

mas preferivelmente ao fato de que eles têm muito em comum com o Apocalipse do Novo Testamento, com seu linguajar esotérico, sua imaginação bizarra e seus pronunciamentos relativos à consumação de todas as coisas em cumprimento das promessas de Deus.¹¹

A antiga rejeição aos estudos apocalípticos resultou, em parte, de um desejo de associar judaísmo e cristianismo a um estágio anterior, não “contaminado” com temas e teologias que envolvessem a apocalíptica.¹² Quando objeto de atenção, os apocalipses eram normalmente considerados não mais do que repositórios de tradições midráxicas, sendo raramente estudados como literatura religiosa.¹³ Eles eram considerados “deficientes” por seu escopo imaginativo, demasiadamente obcecados pelo fim do mundo e com um forte dualismo moral que demonizava seus inimigos e promovia autojustificação entre seus adeptos.¹⁴ Além disso, quase todos os apocalipses antigos não foram inseridos nos cânones judeu ou cristão na Antiguidade, e muitos deles, marginalizados na tradição manuscrita, estiveram perdidos até os séculos XVIII e XIX. Após a redescoberta de muitos textos, essa divisão das obras em canônicas e não-canônicas, pautada em justificação teológica, relegou a maioria dos apocalipses à categoria de “pseudepígrafos” e caracterizou o seu estudo: houve uma “época de ouro” na segunda metade do século XIX e início do XX, seguida por cinco ou seis décadas de aparente negligência, para, então, a partir da década de 1970, chegar-se a uma completa redescoberta de interesse.¹⁵

Assim sendo, não é de se admirar que em 1971 ainda se escrevesse: “Para

¹¹ Ibidem. Em nível corrente, palavras como “apocalipse” e “apocalíptica” são, modernamente, encontradas em temas de novelas, filmes e até em jogos de computador, sempre envoltas em tramas de indescritível terror e derramamento de sangue; nesse aspecto, resumem a ideia de “catástrofe absoluta” e “colapso total” da sociedade, indicando completa destruição do gênero humano e devastação por guerra nuclear do planeta Terra. Afora isso, a apocalíptica tem uma mensagem que, reinterpretada na forma dos modelos contemporâneos e culturais, pode ser de extrema relevância para o mundo atual (Cf. RUSSELL, D. S. *Desvelamento divino*, p. 16).

¹² CROSS, F. Moore. New Directions in the Study of Apocalyptic. In: FUNK, Robert W. (Ed.) *Apocalypticism*, p. 157-165; aqui p. 159-160; GRABBE, Lester L. Poets, Scribes, or Preaches? The Reality of Prophecy in the Second Temple Period. In: GRABBE, L.; HAAK, R. D. (Ed.). *Knowing the End from the Beginning: The Prophetic, the Apocalyptic and Their Relationships*, p. 192-215; aqui p. 193-197.

¹³ STONE, M. E. On Reading an Apocalypse. In: COLLINS, J. J.; CHARLESWORTH, J. H. (Ed.). *Mysteries and Revelations: Apocalyptic Studies since the Uppsala Colloquium*, p. 65-78; aqui p. 78.

¹⁴ COLLINS, J. J. Apocalyptic Literature. In: PERDUE, Leo G. (Ed.). *The Blackwell Companion to the Hebrew Bible*, p. 432-447; aqui p. 432-437.

¹⁵ CHARLESWORTH, J. H. A History of Pseudepigrapha Research: The Re-Emerging Importance of the Pseudepigrapha. *ANRW* II.19.1 (1978), p. 54-88; Idem. *The Old Testament Pseudepigrapha and the New Testament: Prolegomena for the Study of Christian Origins*, p. 6-26; Di TOMMASO, L. A Report on Pseudepigrapha Research since Charlesworth's *Old Testament Pseudepigrapha*. *JSP* 12.2 (2001), p. 179-207.

os dados atuais da literatura apocalíptica, nós ainda recorremos a obras em sua maioria escritas por volta de cinquenta anos atrás”.¹⁶

O grande e definitivo estímulo à pesquisa acadêmica foi o volume de Semeia 14, *Apocalypse: The Morphology of a Genre*, editado por J. J. Collins.¹⁷ Seus vários artigos incentivaram a pesquisa do tema. Entretanto, o trabalho de Uppsala já citado supra efetuou uma grande mudança de perspectiva, embora, como toda mudança, os seus efeitos não tenham sido apreendidos de forma uniforme. Os trabalhos reunidos no volume de Uppsala abordaram o tema a partir de ângulos diversos, confirmando que o valor de uma abordagem reside mais em seus frutos do que em suas raízes. Após o congresso de Uppsala, três coleções merecem destaque: uma menos abrangente, com oito trabalhos e concentrada principalmente nos textos judaicos antigos, cujo título é *Mysteries and Revelations: Apocalyptic Studies since the Uppsala Conference*;¹⁸ outra intitulada *The Encyclopedia of Apocalypticism*, publicada no final do século XX, sendo atualmente a introdução padrão nesse campo de estudo;¹⁹ a terceira coleção chama-se *Wisdom and Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls and in the Biblical Tradition*,²⁰ mais especializada do que as anteriores, e muitos de seus 23 artigos constituem um novo marco para o estudo do tema.

O número de estudos ainda tem aumentado desde a última década do século passado, o que torna sua seleção inevitável. Como mais relevantes, além das coleções indicadas acima, podem ser citados os seguintes: os artigos de Murphy e de Decock²¹ possuem ampla abrangência; G. M. Nápole escreveu um longo artigo,

¹⁶ BEARDSLEE, W. A. New Testament Apocalyptic in Recent Interpretation. *Int* 25.4 (1971), p. 419-435; aqui p. 421.

¹⁷ COLLINS, J. J. (Ed.). *Apocalypse: The Morphology of a Genre*. Semeia 14 (1979), 221 p.

¹⁸ COLLINS, J. J.; CHARLESWORTH, J. H. (Ed.). Op. cit. Vários de seus ensaios foram direcionados a tópicos ignorados ou tratados apenas parcialmente no volume de Uppsala. Nesta obra, G. Boccaccini abrange a contribuição dos autores italianos (*Jewish Apocalyptic Tradition; The Contribution of Italian Scholarship*, p. 33-50).

¹⁹ MCGINN, B.; COLLINS, J. J.; STEIN, S. J. (Ed.). *The Encyclopedia of Apocalypticism* (3 v). Embora alguns de seus artigos sejam tratados de forma maciça e mais abrangente no volume de Uppsala, outros são direcionados a tópicos não explorados por aquela obra ou por *Mysteries and Revelations*, além de atualizar e prover novos *insights* para o tema. O primeiro de seus três volumes é intitulado *The Origins of Apocalypticism in Judaism and Christianity* e inclui treze artigos relevantes para a origem da apocalíptica no judaísmo e cristianismo. Na introdução geral, os editores afirmam que mais incentivos financeiros foram destinados ao estudo do tema nas últimas três décadas do que nos três séculos anteriores (p. ix, v. 1).

²⁰ GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino (Ed.). *Wisdom and Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls and in the Biblical Tradition*, 2003.

²¹ MURPHY, F. J. Apocalypses and Apocalypticism: The State of the Question. *CurBS* 2.1 (1994), p. 147-179; DECOCK, Paul B. Some Issues in Apocalyptic in the Exegetical Literature of the Last Ten Years. *Neotest* 33.1 (1999), p. 1-33. Neste artigo Decock discute especialmente a questão da definição do gênero apocalíptico.

ainda útil, apesar de limitar-se a estudos anteriores a 1980;²² igualmente, J. N. Oswalt concentra-se principalmente entre o final dos anos 1960 e início dos anos 1980, sendo, ainda assim, útil para a investigação sobre as origens e características dos antigos apocalípticos judaicos;²³ entretanto, Heinrich Hoffmann oferece o resumo mais abrangente acerca das questões de definição e classificação do fenômeno apocalíptico.²⁴

A. M. Woodruff abrange a contribuição dos autores brasileiros;²⁵ Alf Christophersen discute a influência do teólogo alemão Friedrich Lücke, um verdadeiro pioneiro no estudo do tema, durante o século XIX;²⁶ o mesmo faz A. Köhn acerca da obra de Ernst Lohmeyer.²⁷ Já o extenso artigo de R. E. Sturm resenha a maioria dos trabalhos desde Lücke até meados dos anos 1980, com ênfase no apocalipsismo no NT como uma concepção teológica, especialmente o pensamento paulino; logo no início do artigo, ele afirma: “Uma questão particular que teremos em mente é se podemos ou não identificar o pensamento do apóstolo Paulo como ‘apocalíptico’”.²⁸ R. Barry Matlock traça a história do conhecimento acadêmico acerca do apocalipsismo paulino, concentrando-se em Schweitzer, Dodd, Bultmann, Cullmann, Käseman e Beker.²⁹

Os quatro primeiros capítulos do livro de Scott M. Lewis sobre apocalíptica e NT são muito relevantes,³⁰ bem como o já antigo artigo (1982) de Michael Knibb;³¹ o livro de David Sim constitui importante estudo sobre a escatologia apocalíptica presente no Evangelho de Mateus;³² por fim, embora não seja uma resenha acerca das pesquisas anteriores, Ferdinand Hahn examina a literatura apoca-

²² NÁPOLE, G. M. Desarrollo y evolución de los estudios sobre “la apocalíptica”. *EstBib* 59 (2001), p. 325-363.

²³ OSWALT, J. N. Recent Studies in Old Testament Apocalyptic. In: BAKER, D. W.; ARNOLD, B. T. (Ed.). *The Face of Old Testament Studies: A Survey of Comparative Approaches*, p. 369-390.

²⁴ HOFFMANN, H. *Das Gesetz in der frühjüdischen Apokalypik*, p. 21-70.

²⁵ WOODRUFF, A. M. Thirty Years of Near Neglect: Apocalyptic in Brazil. *JSNT* 25.2 (2002), p. 127-139.

²⁶ CHRISTOPHERSEN, Alf. Die Begründung der Apokalypikforschung durch Friedrich Lücke. Zum Verhältnis von Eschatologie und Apokalypik. *KuD* 47.3 (2001), p. 158-179.

²⁷ KÖHN, A. Ernst Lohmeyer und die Apokalypik. In: BÖTTRICH, C. (Ed.). *Eschatologie und Ethik im frühen Christentum: Festschrift für Günter Haufe zum 75 Geburtstag*, p. 149-167.

²⁸ STURM, R. E. Defining the Word “Apocalyptic”: A Problem in Biblical Criticism. In: MARCUS, J.; SOARDS, M. L. (Ed.). *Apocalyptic and the New Testament: Essays in Honor of J. Louis Martyn*, p. 17-48; aqui p. 18.

²⁹ MATLOCK, R. Barry. *Unveiling the Apocalyptic Paul: Paul’s Interpreters and the Rhetoric of Criticism*, 1996.

³⁰ LEWIS, Scott M. *What Are They Saying about New Testament Apocalyptic?*, p. 1-70.

³¹ KNIBB, Michael. Prophecy and the Emergence of the Jewish Apocalypses. In: COGGINS, R.; PHILLIPS, A.; KNIBB, M. (Ed.). *Israel’s Prophetic Tradition: Essays in Honour of Peter R. Ackroyd*, p. 155-180.

³² SIM, David C. *Apocalyptic Eschatology in the Gospel of Matthew* (1996).

líptica da época do Segundo Templo e a apocalíptica do cristianismo primitivo.³³

Quanto ao estudo das possíveis interações entre a cultura iraniana e a judaica, a intensidade e extensão da conexão entre elas e, indiretamente, também com o cristianismo, é uma questão há muito tempo bastante polêmica. Os adeptos da chamada Escola da História das Religiões (*Religionsgeschichtliche Schule*), nas três primeiras décadas do século XX (por exemplo, Wilhelm Bousset, Richard Reitzenstein e Eduard Meyer), sugeriram uma profunda influência das tradições iranianas, especialmente sobre o apocalipsismo, o messianismo e a escatologia cristã. A descoberta dos textos de Qumran deu um novo impulso para a discussão do impacto das ideias iranianas sobre a religião judaica primitiva, especialmente no que concerne às noções dualistas professadas pela comunidade de Qumran.

De fato, a partir de então foi trazida uma nova perspectiva sobre o apocalipsismo judaico. Os Manuscritos de Qumran fornecem a possibilidade de amplas reflexões sobre a origem do mal, a periodização da história, a batalha final e, mais caracteristicamente, a participação humana no mundo celestial.³⁴ Continua sendo um enigma o motivo pelo qual os autores dos Manuscritos não usarem muito o gênero apocalíptico, o qual era bem conhecido no período; apesar disso, os Manuscritos dão expressão a uma cosmovisão apocalíptica expressa em diferentes gêneros.

Entretanto, durante muito tempo a tese da influência persa no judaísmo pós-exílico foi rejeitada (e em parte ainda o é atualmente) tanto por especialistas em judaísmo antigo quanto por especialistas na literatura iraniana, apesar de haver fortes indícios advindos desses dois campos de estudo.³⁵ Mais recentemente, especialistas na literatura iraniana se retiraram da discussão, e os especialistas no chamado *Judaísmo*³⁶ do Segundo Templo contentaram-se em assumir em notas intro-

³³ HAHN, Ferdinand. *Frühjüdische und urchristliche Apokalyptik: eine einföhrung*, p. 13-139.

³⁴ Cf. as evidências apresentadas em GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls. In: MCGINN, B.J.; COLLINS, J.J.; STEIN, S.J. (Ed.). *The Continuum History of Apocalypticism*, p. 89-111.

³⁵ Cf. um tratamento geral do tema pela crítica antiga em DUCHESNE-GUILLEMIN, Jacques. *The Western Response to Zoroaster*, p. 20-37. Mais recentemente, cf. YARSHATER, Ehsan. Introduction; Iranian Influences. In: *CHI: The Seleucid, Parthian and Sasanian Periods*, p. lxxv-lxxv. v. 3.1. Uma visão panorâmica da discussão encontra-se em WINSTON, D. The Iranian Component in the Bible, Apocrypha, and Qumran: a Review of the Evidence, *HR* 5.2 (1966), p. 183-216, assim como em: SHAKED, S. Iranian Influence on Judaism: First Century B.C.E. to Second Century C.E. In: DAVIES, W. D.; FINKELSTEIN, L. (Ed.). *CHJ: Introduction: The Persian Period*, p. 308-325. v. 1; BOYCE, M.; GRENET, F. *A History of Zoroastrianism: Zoroastrianism under Macedonian and Roman Rule*, p. 415-436.

³⁶ Usamos o termo “judaísmo” na designação deste período histórico mas entendemos que, historicamente, não havia ainda um “judaísmo” no sentido que o termo adquiriu posteriormente. Assim, o

dutoárias de suas obras que existiram “influências persas”, ignorando essas influências no corpo principal de suas pesquisas.

O número de especialistas em ambos os campos de conhecimento (Judaísmo do Segundo Templo com sua literatura, e Zoroastrismo ou história iraniana de um modo mais geral) é, no entanto, extremamente reduzido. Tal fato fez com que em muitas ocasiões as noções desatualizadas de um campo recebessem nova interpretação no outro. Tais campos de estudo são diferentes em muitos aspectos.

Além de ser em número reduzido, a maioria dos especialistas na literatura iraniana são linguistas ou especialistas em determinados aspectos da língua e cultura pré-islâmica, e não especialistas na religião persa; seu interesse não é esse. Pesa também o fato de eles trabalharem em um campo caracterizado por uma grande escassez de fontes datáveis. Os acadêmicos da área bíblica, por outro lado, não somente são em número muito mais numeroso como também trabalham em uma área melhor documentada, mais propícia a questões de datação e localização de textos e seus desenvolvimentos. Para os estudos iranianos do período pré-islâmico (anterior a 651 d.C.),³⁷ por exemplo, não há dicionários atualizados, há poucas edições críticas confiáveis, e cada vez menos traduções de textos que podem ser utilizados com segurança por não-especialistas.³⁸ Também as opiniões de especialistas sobre a maneira de escrever a história das religiões iranianas, por outro lado, são notoriamente diferentes em cada caso individual.

Quanto ao livro de Daniel, desde o seu aparecimento nas Escrituras Hebraicas as suas narrativas e visões apocalípticas alcançaram grande popularidade, e muita controvérsia. Os intérpretes do livro já encontraram um pastiche de gêneros e pontos de vista sociológicos e ideológicos, afora as questões de autoria, datação e marco social. Além disso tudo, existe a questão linguística (é uma obra bilingue), que também não ajuda a discernir uma estratégia hermenêutica tão coerente. Na pesquisa recente, três grandes publicações traçaram o rumo a ser seguido, todas em 1993: o livro de Thompson, o qual provê um ponto de partida seguro para o estudo da história da interpretação do livro de Daniel, com múltiplos índices de autores, temas e referências em quase duas mil entradas;³⁹ o volume do 40º

uso do termo neste trabalho não implica anacronismo.

³⁷ Para os períodos da História Persa e secular, seguimos a divisão comum proposta por Mary Boyce e outros (cf. BOYCE, M. *Textual Sources for the Study of Zoroastrianism*, p. 7-8).

³⁸ Daí nossa abordagem da literatura sagrada persa ser mais histórico-fenomenológica do que linguística, diferentemente do caso de Daniel e Mateus (cf. adiante).

³⁹ Cf. THOMPSON, Henry O. *The Book of Daniel: An Annotated Bibliography* (1993).

Colloquium Biblicum Lovaniense (BETHL), editado por Van der Woude, com 30 *papers* das conferências organizados sob quatro títulos principais: bilinguismo e versões gregas; questões de crítica literária, crítica da forma e da tradição; abordagens literárias e sociológicas; questões gerais de história e história religiosa, além de outros estudos;⁴⁰ e o livro de Collins, da Série Hermeneia, o qual fornece um levantamento abrangente das questões histórico-críticas no que concerne ao texto, linguajar, composição, gênero, marco social e história da interpretação.⁴¹

Mais recentemente, Collins e Flint apresentaram em dois volumes trinta e dois amplos ensaios divididos em oito seções: temas gerais; Daniel em seu ambiente do Oriente Próximo; questões de interpretação de passagens específicas; ambiente social; contexto literário (incluindo Qumran); recepção no judaísmo e cristianismo; história textual; e a teologia de Daniel.⁴² Os ensaios introdutórios de Collins e Knibb sumariam os temas abordados nos dois volumes.⁴³

Outro trabalho recente digno de nota, dentre tantos outros, é o de W. E. Mills, o qual fornece uma bibliografia da pesquisa no século XX, importante para a compreensão do texto e do *background* de Daniel.⁴⁴ Mais de mil entradas estão organizadas em categorias de citações bíblicas, citações temáticas e comentários.

Dentre os trabalhos antigos, não se pode deixar de mencionar, entre os mais importantes, a obra de S. R. Driver, um dos pioneiros no tratamento acadêmico do livro de Daniel, com ampla introdução abarcando as questões históricas e literárias e o comentário de todo o texto do livro,⁴⁵ o comentário de R. H. Charles, outro pioneiro,⁴⁶ o livro de J. A. Montgomery, com ampla discussão acerca de questões linguísticas e de crítica textual de todo o livro,⁴⁷ e os importantes comentários de Otto Plöger, N. W. Porteous, Mathias Delcor, André Lacocque, Hartman-Di Lella, além de um comentário de Collins, mais antigo e muito menos abrangente que o da Hermeneia.⁴⁸ Somam-se a isso diversos artigos especializados. A pes-

⁴⁰ VAN DER WOUDE, A. S. (Ed.). *The Book of Daniel in the Light of New Findings* (1993).

⁴¹ COLLINS, J. J. *Daniel: A Commentary on the Book of Daniel* (1993).

⁴² COLLINS, J.J.; FLINT, P.W. (Ed.). *The Book of Daniel: Composition and Reception* (2001).2 v.

⁴³ COLLINS, J. J. Currents Issues in the Study of Daniel. In: COLLINS, J. J.; FLINT, P. W. (Ed.). Op. cit. p. 1-15; KNIBB, M. A. The Book of Daniel in Its Context. In: Ibidem, p. 16-35.

⁴⁴ MILLS, W. E. *Old Testament Series: Daniel* (Bibliographies for Biblical Research, 20), 2002.

⁴⁵ DRIVER, S. R. *The Book of Daniel: With Introduction and Notes* (1901).

⁴⁶ CHARLES, R. H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel* (1929).

⁴⁷ MONTGOMERY, J. A. *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel* (ICC), 1927.

⁴⁸ PLÖGER, Otto. *Das Buch Daniel*, 1965; PORTEOUS, N.W. *Daniel: A Commentary* (1965); DELCOR, M. *Le livre de Daniel* (1971); LACOCQUE, A. *Le livre de Daniel* (1976); HARTMAN,

quisa atual privilegia temas como a utilização do livro em tradições atuais, os gêneros literários no livro, os diferentes *Sitzen im Leben*, a história da interpretação e questões ético-teológicas levantadas no livro.

Segundo Towner, “nenhuma discussão da autoria do livro pode estar isolada, sem atenção para a data e a ocasião histórica da escritura do livro. Entretanto, em vez de pegar todos esses temas simultaneamente, a questão deve ser levantada passo a passo”.⁴⁹ Qualquer aspecto do livro de Daniel deve ser visto no todo que envolve o livro. No presente trabalho, a importância de Daniel está no tema da ressurreição individual seguida de um julgamento, o qual aparece pela primeira vez no AT de forma clara em Dn 12,1-3. Para tanto, tornam-se importantes as questões de datação, gênero e marco social.

Quanto ao fenômeno apocalíptico no NT, a cosmovisão apresentada por esse fenômeno representou um papel extremamente importante no judaísmo helênico e cristianismo primitivo. Em outras épocas, o debate sobre o apocalipsismo no NT era formulado com base na oposição entre o existencialismo de Rudolf Bultmann (abordagem desmistificadora), o qual tentava retirar a ênfase ou até mesmo remover muitas das características apocalípticas da escatologia do NT, e a abordagem mais antropológica de Ernst Käsemann, que procurou enfatizar novamente essas características.⁵⁰ Embora os parâmetros do debate tenham sido alargados e os seus termos e vocabulário tenham sido modificados desde então, a questão da extensão e do ponto exato em que a influência apocalíptica se deu na compreensão escatológica de Jesus e dos cristãos primitivos continua em voga.

Na *Encyclopedia of Apocalypticism* já referida supra há vários artigos sobre a questão. Allison contempla a escatologia de Jesus, analisando as interpretações de Weiss, Schweitzer e seus descendentes intelectuais, para os quais Jesus era um pregador apocalíptico; em seguida, ele revê as posições de Crossan e outros

L. F.; DI LELLA, A. A. *The Book of Daniel* (The Anchor Bible 23), 1978; COLLINS, J. J. *The Apocalyptic Vision of the Book of Daniel* (1977).

⁴⁹ TOWNER, S. W. Daniel, Book of. In: SAKENFELD, Katharine D. (Ed.). *NIB*, p. 15-23; aqui p. 17. v. 2.

⁵⁰ BOERS, H. W. Apocalyptic Eschatology in I Corinthians 15: An Essay in Contemporary Interpretation. *Int* 21.1 (1967), p. 50-65; FUNK, R. W. Apocalyptic As an Historical and Theological Problem in Current New Testament Scholarship. In: *Apocalypticism*, p. 175-191. Käsemann chega a chamar a *apocalíptica* de mãe da teologia cristã primitiva (cf. adiante). Cf. ainda BULTMANN, Rudolf. Ist die Apokalyptik die Mutter der christlichen Theologie? Eine Auseinandersetzung mit Ernst Käsemann. In: *Apophoreta. Festschrift für Ernst Haenchen zu seinem 70. Geburtstag am 10. Dezember 1964*, p. 64-69; MARSHALL, I. H. Is Apocalyptic the Mother of Christian Theology? In: HAWTHORNE, G. F.; BETZ, O. (Ed.). *Tradition and Interpretation in the New Testament: Essays in Honor of E. Earle Ellis for His 60th Birthday*, p. 33-42.

que, ao contrário dos primeiros, enxergam a mensagem original de Jesus como sendo em grande parte desprovida de elementos escatológicos e acreditam que eles foram acrescentados pela Igreja primitiva.⁵¹ Ele analisa temas e tradições relacionados à escatologia, bem como aspectos relacionados com as expectativas de Jesus, incluindo julgamento escatológico, ressurreição dos mortos, restauração de Israel, tribulação escatológica e os ditos do Filho do Homem. Ele considera a escatologia de Jesus como sendo em sua maior parte convencional, porém não sem novos elementos, o mais importante dos quais a conexão feita por Jesus entre sua situação existencial e as expectativas criadas em torno e recebidas por ele. Allison se dedicou em uma obra inteira à pessoa de Jesus e sua auto-compreensão dentro do ambiente contemporâneo de expectativas apocalípticas,⁵² como já havia feito antes dele Corsani.⁵³ Allison foi seguido por Ehrman.⁵⁴

Mais recente é a obra de Kloppenborg e Marshall, a qual inclui um ensaio de Allison sobre as razões teológicas pelas quais os estudiosos têm incentivado ou rejeitado a ideia de “um Jesus com fervor escatológico”.⁵⁵ Na mesma obra, Miller, que afirma que Jesus era “um sábio não-apocalíptico”, pesquisa em campo semelhante, mas do ponto de vista temático.⁵⁶ Kloppenborg indaga pela razão do interesse ou importância do apocalipsismo de Jesus, e em sua resposta encontra-se uma análise à suposição implícita de que frequentemente o suporte para um Jesus apocalíptico flui naturalmente a partir das fontes, ao passo que os argumentos contrários procedem necessariamente a partir de interesses ideológicos.⁵⁷

No que tange à ocorrência do fenômeno nos Sinóticos, Rowland discorre sobre os pontos de contato entre Mateus, a mística judaica e a tradição apocalípti-

⁵¹ ALLISON, D. C., Jr. The Eschatology of Jesus. In: COLLINS, J. J. (Ed.). *The Encyclopedia of Apocalypticism*, p. 267-302. v. 1.

⁵² Idem. *Jesus of Nazareth: Millenarian Prophet* (1998).

⁵³ CORSANI, Bruno. *L'Apocalisse e l'apocalittica nel Nuovo Testamento* (1997).

⁵⁴ EHRMAN, Bart D., Jr. *Jesus: Apocalyptic Prophet of the New Millennium* (1999). Outras obras importantes e interessantes sobre o tema são: MILLER, R. J. (Ed.). *The Apocalyptic Jesus: A Debate* (2001), com artigos de Allison (fazendo a defesa de Jesus como profeta apocalíptico) e de Borg, Crossan e Patterson (defendendo opinião contrária); mais recente, LAPORTE, Jean. *Les Apocalypses et la formation des idées chrétiennes* (2005).

⁵⁵ ALLISON, D. C., Jr. The Problem of Apocalyptic: From Polemic to Apologetics. In: KLOPPENBORG, J. S.; MARSHALL, J. W. (Ed.). *Apocalypticism, Anti-Semitism and the Historical Jesus: Subtexts in Criticism*, p. 98-110; aqui p. 98.

⁵⁶ MILLER, R. J. Theological Stakes in the Apocalyptic Jesus Debate. In: Ibidem, p. 111-121; aqui p. 111.

⁵⁷ KLOPPENBORG, J. S. As One Unknown, without a Name? Co-opting the Apocalyptic Jesus. In: Ibidem, p. 1-23. Este é um artigo reflexivo que deveria ser de leitura obrigatória para os estudiosos de ambos os lados da questão.

ca.⁵⁸ Humphries-Brooks discorre sobre a parênese em Mt 6,19-34.⁵⁹ Cope e Sim abrangem em seus estudos a influência da apocalíptica sobre a escatologia de Mateus.⁶⁰ Horsley discute a relação entre os Sinóticos, apocalipsismo e os movimentos de Jesus, com uma ênfase no gênero apocalíptico como literatura de resistência em face às pressões imperialistas ou tirânicas.⁶¹ O discurso escatológico em Mc 13 é o tema dos artigos de Beasley-Murray, Dyer e Bird.⁶² Yarbrow Collins analisa o segredo messiânico de Marcos, do qual Jesus revela os mistérios em uma “forma parcial e velada”, como acontece com os apocalipses judaicos.⁶³ Ela sustenta que, da mesma forma que os adeptos das religiões de mistério helenísticas, Jesus foi entendido como tendo sido capaz de atravessar a fronteira que separa o humano do divino. Em outro artigo, ela considera o apocalipsismo de Mc 13 e 2Ts como sendo uma resposta exegética cristã primitiva para a guerra judaica contra Roma.⁶⁴

Em relação aos escritos paulinos, M. C. de Boer analisa em dois artigos a temática de Paulo e o apocalipsismo, com ênfase especial sobre as ideias de Bultmann e Käsemann.⁶⁵ Por meio de uma série de indagações a pressupostos estabelecidos, ele argumenta que a escatologia apocalíptica paulina não pode ser reduzida à concepção do apóstolo acerca da *parousía* e do fim, “mas abrange também a sua compreensão do advento de Cristo, da morte e ressurreição”.⁶⁶ Já Roetzel delineia como o pensamento de Paulo solucionou tanto as tensões inerentes ao apo-

⁵⁸ ROWLAND, C. Apocalyptic, the Poor, and the Gospel of Matthew. *JTS* 45.2 (1994), p. 504-518.

⁵⁹ HUMPHRIES-BROOKS, S. Apocalyptic Paranesis in Matthew 6.19-34. In: MARCUS, J.; SOARDS, M. L. (Ed.). *Apocalyptic and the New Testament: Essays in Honor of J. Louis Martyn*, p. 95-112.

⁶⁰ COPE, O. L. “To the Close of the Age”: The Role of Apocalyptic Thought in the Gospel of Matthew. In: MARCUS, J.; SOARDS, M. L. (Ed.). Op. cit. p. 113-124; SIM, David C. *Apocalyptic Eschatology in the Gospel of Matthew*, especialmente p. 73-249.

⁶¹ HORSLEY, R. A. The Kingdom of God and the Renewal of Israel: Synoptic Gospels, Jesus Movements, and Apocalypticism. In: COLLINS, J. J. (Ed.). *The Encyclopedia of Apocalypticism*, p. 303-344. v. 1.

⁶² BEASLEY-MURRAY, G. The Vision of the Mount: The Eschatological Discourse of Mark 13. *Ex Auditu* 6 (1990), p. 39-52; DYER, K. D. “But Concerning *That Day*...” (Mark 13:32). “Prophetic” and “Apocalyptic” Eschatology in Mark 13. *SBLSP* 38 (1999), p. 104-122; BIRD, M. Mission as an Apocalyptic Event: Reflections on Luke 10:18 and Mark 13:10. *EvQ* 76.2 (2004), p. 117-134.

⁶³ YARBROW COLLINS, A. Messianic Secret and the Gospel of Mark: Secrecy in Jewish Apocalypticism, the Hellenistic Mystery Religions, and Magic. In: WOLFSON, Elliot R. (Ed.). *Rending the Veil: Concealment and Secrecy in the History of Religions*, p. 11-30.

⁶⁴ Idem. Christian Messianism and the First Jewish War with Rome. In: HEMPEL, C.; LIEU, J. M. (Ed.). *Biblical Traditions in Transmission: Essays in Honour of Michael A. Knibb*, p. 333-343.

⁶⁵ De BOER, M. C. Paul and Jewish Apocalyptic Eschatology. In: MARCUS, J.; SOARDS, M. L. (Ed.). Op. cit. p. 169-190; Idem. Paul and Apocalyptic Eschatology. In: COLLINS, J. J. (Ed.). *The Encyclopedia of Apocalypticism*, p. 345-383. v. 1.

⁶⁶ Idem. Paul and Apocalyptic Eschatology. In: *Ibidem*, p. 379.

calipsismo quanto aquelas que resultaram de sua missão e teologia.⁶⁷

Opondo-se à perspectiva de Bultmann, o qual desmistificou a natureza espacial dos conceitos cosmológicos de Paulo pela tradução deles em categorias temporais do próprio Paulo, Tronier destaca como ponto de principal interesse na cosmovisão de Paulo justamente essa perspectiva espacial cosmológica.⁶⁸ Em outro artigo, Tronier analisa a dimensão escatológica dos apocalipses (com atenção especial feita às suas raízes epistemológicas) para concluir que “a posição dos coríntios pode ser colocada ‘em algum lugar entre’ uma posição como a de Filo e aquela dos apocalipses”.⁶⁹

E. Rudolph discute escatologia e ideologia política no apocalipsismo de Paulo e no livro de Apocalipse.⁷⁰ R. Penna se concentra no papel do “apocalipsismo de Enoque” em relação aos aspectos da concepção de Paulo acerca do pecado como sendo uma condição ou o poder que o precede e está além das transgressões humanas específicas.⁷¹ Segal descreve como a noção de Paulo acerca da atividade do Cristo ressurreto deriva do apocalipsismo judaico.⁷² Em contraste, Forbes postula que, em sua concepção de “mundo espiritual”, Paulo não se baseou no *background* do apocalipsismo do Segundo Templo, e nem se ocupou em desmitificar as ideias apocalípticas.⁷³ Segundo ele, os paralelos mais próximos ao poder de persuasão do linguajar paulino podem ser encontrados na filosofia platônica. O *background* paulino, então, seria a filosofia grega.

Hall investiga a natureza apocalíptica da retórica em Gálatas,⁷⁴ e G. Willi-

⁶⁷ ROETZEL, C. J. Paul as Organic Intellectual: The Shaper of Apocalyptic Myths. In: HILLS, Julian V. et al (Ed.). *Common Life in the Early Church: Essays Honoring Graydon F. Snyder*, p. 221-243.

⁶⁸ TRONIER, H. Åbenbaring, himmelrejse og opstandelse hos Paulus. *DTT* 63.1 (2000), p. 36-63 (cf. a resenha em inglês sobre esse artigo em PETERSEN, A. K. *JSJ* 31.1-4 (2000), p. 459).

⁶⁹ Idem. The Corinthian Correspondence between Philosophical Idealism and Apocalypticism. In: ENGBERG-PEDERSEN, Troels (Ed.). *Paul beyond the Judaism/Hellenism Divide*, p. 165-196, 294-298; aqui p. 196.

⁷⁰ RUDOLPH, Enno. Apokalyptik und Eschatologie: Endzeit und Zeitende in der Johannes-Apokalypse und bei Paulus. In: *Theologie, diesseits des Dogmas: Studien zur systematischen Theologie, Religionsphilosophie und Ethik*, p. 16-28; Idem. Politische Apokalyptik – apokalyptische Politik. In: HOLZHEY, H.; KOHLER, G. (Ed.). *In Erwartung eines Endes: Apokalyptik und Geschichte*, p. 113-128.

⁷¹ PENNA, R. Enochic Apocalypticism in Paul: The Idea of Sin. *Henoch* 21 (1999), p. 285-303.

⁷² SEGAL, A. F. Paul’s Thinking about Resurrection in Its Jewish Context. *NTS* 44.3 (1998), p. 400-419. Cf. também o estudo mais antigo de HAYS, R. B. “The Righteous One” as Eschatological Deliverer: A Case Study in Paul’s Apocalyptic Hermeneutics. In: MARCUS, J.; SOARDS, M. L. (Ed.). *Op. cit.* p. 191-215.

⁷³ FORBES, Chris. Paul’s Principalities and Powers: Demythologizing Apocalyptic? *JSNT* 82 (2001), p. 61-88.

⁷⁴ HALL, Robert G. Arguing Like an Apocalypse: Galatians and an Ancient *Topos* outside the Greco-Roman Rhetorical Tradition. *NTS* 42.3 (1996), p. 434-453.

ams oferece “uma interpretação apocalíptica e mágica” para a referência de Paulo a uma luta com animais selvagens em 1Cor 15,32.⁷⁵ Já Matlock, de forma ampla, ajuda a contextualizar a discussão.⁷⁶

O *status* canônico do livro do Apocalipse, cuja textura e teor permearam profundamente o que os estudiosos pensaram acerca dos apocalipses em geral, também teve uma forte influência sobre o estudo do apocalipsismo do Novo Testamento. Entre os estudos mais recentes, é digno de nota o artigo de Yarbrow Collins em *The Encyclopedia of Apocalypticism*, o qual trata da datação do Apocalipse, seu conteúdo e estrutura, seu marco social e propósito, a história de sua interpretação, e a questão das mulheres e do simbolismo feminino.⁷⁷

A obra de Vielhauer sobre o apocalipsismo no NT, embora antiga, continua sendo de grande valia.⁷⁸ A recente obra de Lewis possui ampla abrangência, ainda que de forma sumária.⁷⁹ Schüssler Fiorenza sumaria antigas abordagens para descobrir “por que elas não vieram a descrever a apocalíptica cristã primitiva como uma constelação peculiar dentro do fenômeno apocalíptico sincrético inserido no mundo greco-romano”.⁸⁰ Holman conclui que “a expectativa apocalíptica cristã” partilha com o apocalipsismo do Segundo Templo os seguintes aspectos: uma “expectativa-iminente/ansiedade-delongada”; um reconhecimento de que o livre arbítrio afeta a chegada do reino esperado; o advento de aflições escatológicas; e uma reinterpretação de fontes mais antigas para atender às necessidades da comu-

⁷⁵ WILLIAMS, Guy. An Apocalyptic and Magical Interpretation of Paul’s “Beast Fight” in Ephesus (1 Corinthians 15:32). *JTS* 57.1 (2006), p. 42-56.

⁷⁶ MATLOCK, R. Barry. *Unveiling the Apocalyptic Paul: Paul’s Interpreters and the Rhetoric of Criticism*, p. 23-340.

⁷⁷ YARBROW COLLINS, A. The Book of Revelation. In: COLLINS, J. J. (Ed.). *The Encyclopedia of Apocalypticism*, p. 384-414. v. 1. Ainda sobre a apocalíptica joanina, cf. COURT, J. M. *The Book of Revelation and the Johannine Apocalyptic Tradition* (2000), KORNER, R. J. “And I Saw”... An Apocalyptic Literary Convention for Structural Identification in the Apocalypse. *NovT* 42.2 (2000), p. 160-183; ARCARI, L. *Apocalisse di Giovanni* e apocalittica “danielico-storica” del I sec. e.v.: prospettive per una “nuova” ipotesi. *Vetera Christianorum* 39.1 (2002), p. 115-132; e os estudos mais antigos de AUNE, D. E. *The Apocalypse of John and the Problem of Genre* (p. 65-96) e HELLHOLM, D. *The Problem of Apocalyptic Genre and the Apocalypses of John* (p. 13-64), ambos em YARBROW COLLINS, A. (Ed.). *Early Christian Apocalypticism: Genre and Social Setting*. Semeia 36 (1986). Cf. ainda, sobre a polêmica apocalíptica em Jo 8,38-47, VON WAHLDE, Urban C. “You Are of Your Father the Devil” in its Context: Stereotyped Apocalyptic Polemic in John 8:38-47. In: BIERINGER, R.; POLLEFEYT, D.; VANDECASTEELE-VANNEUVILLE, F. (Ed.). *Anti-Judaism and the Fourth Gospel: Papers of the Leuven Colloquium, 2000*, p. 418-444.

⁷⁸ VIELHAUER, P. Apocalyptic in Early Christianity. In: HENNECKE, E.; SCHNEEMELCHER, W. (Ed.). *New Testament Apocrypha*, p. 608-642. v. 2 (1965, original alemão em 1964).

⁷⁹ LEWIS, Scott M. *What Are They Saying about New Testament Apocalyptic?*, 2004.

⁸⁰ SCHÜSSLER FIORENZA, E. The Phenomenon of Early Christian Apocalyptic: Some Reflections on Method. In: HELLHOLM, D. (Ed.). *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*, p. 295-316; aqui p. 297.

nidade, incluindo superação de crises.⁸¹

No entanto, de uma forma geral, a apocalíptica cristã primitiva difere de sua variante judaica em sua expectativa mais “real e urgente”, bem como, num segundo momento, dando um sentido relativamente positivo ao papel desempenhado pela demora escatológica, afetando assim sua compreensão da escatologia.⁸²

O ensaio de Charlesworth investiga as implicações da visão de que “estudiosos do Novo Testamento tendem a concordar que a teologia do NT é fundamentada e definida pelo pensamento apocalíptico”.⁸³ Myers conclui que o apocalipsismo no NT não é restrito a poucos textos, e que nem uma demora na segunda vinda de Cristo elimina as expectativas apocalípticas entre a segunda e a terceira geração de cristãos.⁸⁴ Rowland se preocupa em “considerar a importância fundamental da tradição apocalíptica, derivada como era do judaísmo antigo, para a teologia cristã”.⁸⁵ Em estudo mais recente, ele delinea a proeminência de elementos proféticos e místicos nos livros do NT;⁸⁶ suas ponderações, cuidadosamente delineadas, refletem a tendência de suas pesquisas em outras obras: a revelação de mistérios celestiais era um foco fundamental dos cristãos primitivos.

A coleção de ensaios sobre a temática publicada por Yarbrow Collins revela uma variedade de temas relativos ao apocalipsismo cristão e ao livro do Apocalipse em particular.⁸⁷ Já Aune fornece um considerável resumo acerca das informações básicas relativas aos antigos apocalipses judaicos e cristãos, bem como acer-

⁸¹ HOLMAN, C. L. *Till Jesus Comes: Origins of Christian Apocalyptic Expectation*, p. 153-158. A reinterpretação de antigas fontes para atender às necessidades da comunidade é um importante aspecto abordado pelo presente trabalho em relação à comunidade mateana e ao ciclo daniélico (cf. *infra*).

⁸² O estudo panorâmico de Fusco é digno de nota (cf. FUSCO, V. *Apocalittica ed escatologia nel Nuovo Testamento: tendenze odierne della ricerca*. In: CANNOBIO, Giacomo; FINI, Mario (Ed.). *L'eschatologia contemporanea. Problemi e prospettive: atti del IV corso di aggiornamento per i docenti di teologia dogmatica, Roma, 2-5 gennaio 1994*, p. 41-80).

⁸³ CHARLESWORTH, J. H. *Ancient Apocalyptic Thought and the New Testament*. In: KRAFTCHICK, S.J.; MYERS, C.D., Jr.; OLLENBURGER, B.C. (Ed.). *Biblical Theology: Problems and Perspectives in Honor of J. Christiaan Beker*, p. 222-232; aqui p. 222.

⁸⁴ MYERS, C. D., Jr. *The Persistence of Apocalyptic Thought in New Testament Theology*. In: *Ibidem*, p. 209-221; 323-327.

⁸⁵ ROWLAND, C. “Upon Whom the Ends of the Ages Have Come”: *Apocalyptic and the Interpretation of the New Testament*. In: BULL, Malcolm (Ed.). *Apocalypse Theory and the Ends of the World*, p. 38-57; aqui p. 40.

⁸⁶ *Idem*. *Apocalypse, Prophecy and the New Testament*. In: GRABBE, Lester L.; HAAK, R. D. (Ed.). *Knowing the End from the Beginning*, p. 149-166.

⁸⁷ YARBROW COLLINS, A. *Cosmology and Eschatology in Jewish and Christian Apocalypticism* (1996).

ca do apocalipsismo no NT.⁸⁸ Em outro estudo mais antigo, ele investiga a transformação do apocalipsismo no cristianismo primitivo, com atenção especial à influência da escatologia helenística.⁸⁹ Para J. W. Marshall, o conflito interno que tipifica muitos dos apocalipses judaicos do Período do Segundo Templo foi ampliado em proporções universalistas e empregado em contextos religiosos particulares por escritores cristãos posteriores. Nesse sentido, os elementos das críticas de alguns judeus em relação a outros judeus foram transformados em críticas estereotipadas dos judeus para com os cristãos, e Jesus se tornou o “judeu contrário ao judaísmo”.⁹⁰

Por fim, o NT é um veículo fundamental para o estudo do discurso apocalíptico. Uma das mudanças em relação ao discurso profético e ao sapiencial é a concepção de vida no pós-morte.⁹¹

Em se tratando do Evangelho de Mateus, o interesse pela apocalíptica contida no livro, especialmente sua escatologia, cresceu progressivamente até o auge no final do século XX. Mark A. Powell inicia sua análise da monografia de David Sim (já citada neste trabalho como importante para o estudo da escatologia de Mateus) com o seguinte comentário: “Chame isso de febre de milênio, se quiser, mas o assunto até aqui negligenciado da escatologia de Mateus está subitamente recebendo muita atenção”.⁹² Pela mesma época, “escatologia” foi o tema da SBL para o estudo do Evangelho de Mateus (encontro de 1996) e uma série de trabalhos relacionados ao tema foram publicados pouco tempo antes e depois do encontro.⁹³ No entanto, desde a virada do milênio, a ênfase parece ter se esvaído um pouco. Por um lado, pode ser que a forma básica da interpretação de Mateus no que tange aos eventos finais quase não tem sido contestada, e nessa forma básica há pouca

⁸⁸ AUNE, David E. Understanding Jewish and Christian Apocalyptic. *Word & World* 25.3 (2005), p. 233-245; um estudo indicado especialmente para não-especialistas.

⁸⁹ Idem. Transformations of Apocalypticism in Early Christianity. In: GRABBE, Lester L.; HAAK, R. D. (Ed.). Op. cit. p. 54-64.

⁹⁰ MARSHALL, J. W. Apocalypticism and Anti-Semitism: Inner-Group Resources for Inter-Group Conflicts. In: KLOPPENBORG, J. S.; MARSHALL, J. W. (Ed.). *Apocalypticism, Anti-Semitism and the Historical Jesus: Subtexts in Criticism*, p. 68-82; aqui p. 81.

⁹¹ Para o tema da ressurreição no NT, a recente obra em homenagem a J. Lambrecht é de extremo valor: BIERINGER, R.; KOPERSKI, V.; LATAIRE, B. (Ed.). *Resurrection in the New Testament: Festschrift J. Lambrecht* (2002).

⁹² POWELL, M. A. Review of David Sim, *Apocalyptic Eschatology in the Gospel of Matthew*. *JBL* 117.3 (1998), p. 534-536; aqui p. 534.

⁹³ Cf., por exemplo, ORTON, D. E. *The Understanding Scribe: Matthew and the Apocalyptic Ideal* (1989); CHARETTE, B. *The Theme of Recompense in Matthew's Gospel* (1992); BALABANSKI, V. *Eschatology in the Making: Mark, Matthew, and the Didache* (1997); GIBBS, J. A. *Jerusalem and Parousia: Jesus' Eschatological Discourse in Matthew's Gospel* (2000); e, mais recentemente, WILSON, A. I. *When Will These Things Happen?: A Study of Jesus As Judge in Matthew 21-25* (2004).

coisa a mais a ser dita.

Donald Hagner, por exemplo, sumariza as principais características da escatologia de Mateus especialmente em duas hipóteses: a primeira é que existe uma tensão presente-futuro, na qual a vinda de Jesus cumpre algumas expectativas escatológicas (uma escatologia “efetivada”), ocorrendo também uma ênfase ainda maior no futuro julgamento dos ímpios e bênçãos dos justos (uma escatologia “futura”);⁹⁴ a segunda é que há uma iminente-delongada tensão na apresentação de Mateus: alguns ditos sugerem uma consumação dentro de uma geração, ao passo que outros sugerem um período de ínterim significativo ou um atraso considerável.⁹⁵ Essas observações parecem ser comuns na fundamentação dos estudos da escatologia de Mateus, ainda que os comentaristas possam optar por enfatizar os diferentes lados das tensões. Por exemplo, Georg Strecker argumenta que o contexto teológico-histórico indicado pelo Evangelho é aquele em que a iminência não é enfatizada, e existem textos que sugerem que a Igreja deve ter um papel a desempenhar em longo prazo;⁹⁶ já David Sim responde que “nenhum desses textos carrega o peso que é depositado sobre eles” e, se vier a ocorrer algum delongamento, este pode ser entendido como sendo uma pequena demora.⁹⁷

Por outro lado, ao passo que as publicações mais recentes tendem a assumir que Mateus tem uma visão consistente acerca dos eventos do fim, parece haver um consenso bem menor sobre o que essa visão possa ser e sobre como resolver as tensões na apresentação do evangelista. De fato, essa conciliação permanece sem conclusão satisfatória, e os estudiosos do Evangelho de Mateus continuam a busca por mais soluções. Como James Dunn observa, o próprio evangelho, em sua forma final, parece estar “notavelmente impassível pela presença da tensão presente/futuro em sua tradição”, fazendo declarações contraditórias aparentemente “sem qualquer sinal de tensão” na acomodação dessas oposições.⁹⁸

Em uma recente publicação, Ben Cooper intenta resolver esse conflito “tratando o Evangelho de Mateus como uma *narrativa convincente*, isto é, uma narrativa concebida para evocar uma resposta que se constrói a partir de seus leito-

⁹⁴ HAGNER, D. Matthew’s Eschatology. In: SCHMIDT, T.E.; SILVA, M. (Ed.). *To Tell the Mystery: Essays on New Testament Eschatology in Honour of Robert H. Gundry*, p. 49-71; aqui especialmente p. 65-66.

⁹⁵ Ibidem, p. 66-68.

⁹⁶ STRECKER, Georg. *Der Weg der Gerechtigkeit: Untersuchung zur Theologie des Matthäus*, p. 41-49.

⁹⁷ SIM, David C. *Apocalyptic Eschatology in the Gospel of Matthew*, p. 148-177; aqui p. 151.

⁹⁸ DUNN, J.D.G. *The Significance of Matthew’s Eschatology for Biblical Theology*. *SBLSP* 35 (1996), p. 150-162; aqui p. 151.

res”.⁹⁹ Uma determinada escatologia deve ser lida em sua localização dentro do enredo da narrativa e levar em consideração sua função naquele determinado ponto em questão. No caso de Mateus, a partir de uma ampla escatologia judaica se adapta o presente progressivamente em uma escatologia cristã, tendo como influência a história mateana de Jesus; em uma escatologia que é tanto esperada quanto efetivada, os eventos escatológicos do fim que se esperam são temporariamente “resolvidos” em duas fases: eles são experimentados primeiramente em Jesus, tendo Deus como principal agente escatológico, de tal forma a garantir que, posteriormente, esses mesmos elementos sejam experimentados da mesma forma por seus seguidores.

A escatologia que envolve épocas de dificuldade próximas ao final dos tempos estava já presente em Hesíodo e no zoroastrismo tardio com tradição bem antiga.¹⁰⁰ O Judaísmo do Segundo Templo também evidencia essa noção. Além de Dn 12, o Livro dos Jubileus descreve um período em que as pessoas gozariam de um curto período de vida com aumento de tribulação e opressão (L. Jub 23,11-25), após o que haveria um tempo de longevidade, justiça e graça (cf. 23,26-31). Isso não implica que as expectativas fossem as mesmas em todas as ocasiões em que a noção aparece. No Testamento de Moisés, que alguns estudiosos datam na época de Antíoco IV, o autor revela uma “visitação e ira como não tem acontecido desde o princípio até aquele tempo” (cf. T. Mos 8,1, o que lembra Dn 12,1 bem como Mt 24,21); no caso desse apócrifo, esse tempo parece ocorrer no presente momento, mas será imediatamente seguido pelo Reino de Deus se manifestando por toda a sua criação e pelo fim de Satanás e da tristeza (T. Mos 10,1). No Testamento de Levi, a execução de “juízo sobre os filhos dos homens” é o tempo no qual “toda a criação [estará] em dificuldades” e ocorrerá em algum tempo indeterminado no futuro (cf. T. Lev 4,1).

Observa-se, entretanto, que não havia uma uniformidade na doutrina escatológica do judaísmo tardio,¹⁰¹ falta de uniformidade que se dá também nas ideias do judaísmo em geral e do cristianismo primitivo. O como essas noções escatoló-

⁹⁹ COOPER, Ben. Adaptive Eschatological Inference from the Gospel of Matthew. *JSNT* 33.1 (2010), p. 59-80; aqui p. 60 (grifo do autor).

¹⁰⁰ Cf. *infra*.

¹⁰¹ ALLISON, D. C., Jr. *The End of the Ages Has Come: An Early Interpretation of the Passion and Resurrection of Jesus*, p. 25. Contra o consenso geral, Carson postula tese contrária, chegando a afirmar que “há mais uniformidade nessa literatura do que parece haver” (cf. CARSON, D. A. Summaries and Conclusions. In: CARSON, D.A.; O'BRIEN, P.T.; SEIFRID, M.A. (Ed.). *Justification and Variegated Nomism: The Complexities of Second Temple Judaism*, p. 505-548. v. 1; aqui p. 544).

gicas judaicas influíram na escatologia de Mateus dependerá da análise de sua autoria, objetivo e, especialmente, seu marco social.

Isto posto, este trabalho tem como temática a origem da ressurreição na apocalíptica judaica e o desdobramento no cristianismo primitivo, levando-se em conta especialmente os textos de Dn 12,1-3 e Mt 27,51b-53. O objetivo é verificar a possibilidade de o autor mateano ter se servido da tradição de Daniel, bem como a possibilidade de contato deste último com as ideias persas, especificamente da religião de Zoroastro, a qual teria se tornado religião oficial do Império Persa por volta do VI século a.C., no reinado de Ciro II. Em outras palavras, a tese pretende investigar em que medida o pensamento cristão acerca dos acontecimentos do final dos tempos (como ressurreição e juízo final) seria devedor ao livro de Daniel (II século a.C.), especialmente a tradição sinótica.

No caso específico de Mt 27,51b-53, a investigação se dará sobre a origem da tradição expressa nesta perícopa, bem como seu posicionamento e função dentro da narrativa do evangelho como um todo. Quanto a Daniel, o objetivo é analisar o possível contato com o tema da ressurreição através do zoroastrismo antigo, expresso em textos do Avesta, especialmente nos Gathas, como o Y. 30,7 (os Gathas são a parte mais antiga do Avesta, o conjunto de textos considerados sagrados), tendo em vista que a ideia de ressurreição individual (corporal ou não) seguida por um julgamento não encontra respaldo bem estabelecido em outros textos das Escrituras Hebraicas e nem nas crenças dos povos antigos que serão analisados.

Assim, como um todo, este trabalho apresenta certa complexidade, pois se concentra sobre três *corpora* diversos, os quais não serão relacionados entre si com tríade, mas dois a dois: a tradição do Avesta com Dn 12 e este com Mt 27. Daí também os três textos fundamentais não serem posicionados lado a lado, mas sim dois a dois. Além disso, dada a carência da certeza de dados linguísticos do Avesta (cf. assinalado supra), a abordagem histórico-fenomenológica para o zoroastrismo se torna mais histórico-linguística em Daniel e Mateus.

De qualquer forma, o fio condutor de toda a temática da tese é a análise da origem da ressurreição individual (corporal ou não e independentemente do *tipo* de corpo) com julgamento final na apocalíptica judaica e o seu desdobramento no cristianismo primitivo.

Para se chegar ao objetivo proposto, a pesquisa começará analisando o fe-

nômeno apocalíptico de uma maneira geral, sua origem, expressividade e tendências da pesquisa atual, pois é neste horizonte que a noção da ressurreição individual brota e ganha espaço. Em seguida, analisará o pensamento sobre a vida no pós-morte a partir das principais civilizações mais antigas ou contemporâneas à judaica (Egito, Mesopotâmia, Canaã, Grécia arcaica e helênica), verificando as possíveis interações de noções associadas ao tema com o judaísmo antigo. Assim, é apresentada uma abordagem fenomenológica cujo objetivo foi simplesmente averiguar, em literatura oriental mais antiga, as noções de vida no pós-morte. Tratamento especial é dado à análise do tema no zoroastrismo antigo, especialmente nas evidências a partir dos Gathas e de sua tradição, mais conhecida a partir da Idade Média. É justamente entre os persas que a ideia de ressurreição sofre consideráveis modificações, além do surgimento de novos entendimentos, como o de um julgamento universal no final dos tempos seguido de ressurreição também universal.

Posteriormente, o estudo verificará a ideia do pós-morte e ressurreição no judaísmo primitivo conforme expressa em textos do AT e, especialmente, no Judaísmo do Segundo Templo, onde se observa mudanças importantes em relação ao primeiro. Neste ponto, a pesquisa se concentra principalmente no livro de Daniel, pois em Dn 12,1-3 se encontra a primeira referência clara à ressurreição individual seguida de julgamento em toda a Bíblia Hebraica.

Numa segunda etapa, será abordada a questão da apocalíptica e ressurreição no NT, especialmente no Evangelho de Mateus, tomando como fundamento a perícopes de Mt 27,51b-53, a qual revela uma ressurreição dos salvos antes da ressurreição final e não se encontra nos demais evangelhos canônicos, bem como sua tradição não se acha em nenhum outro texto do NT.

O tema do trabalho visa, então, à comunidade acadêmico-teológica, na área específica de Teologia Bíblica, bem como a estudiosos de História Comparada das Religiões, de Crítica Literária e a outros tantos interessados no assunto.

O método utilizado para a análise dos textos bíblicos é o mais usado na exegese, o *histórico-crítico*, a partir dos textos em suas formas atuais. Esse método é “*histórico*”, não só porque ele se aplica a textos antigos – no caso, aqueles da Bíblia – e estuda seu alcance histórico, mas também e sobretudo porque ele procura elucidar os processos históricos de produção dos textos bíblicos, processos diacrô-

nicos algumas vezes complicados e de longa duração”.¹⁰² É crítico “porque ele opera com a ajuda de critérios científicos tão objetivos quanto possíveis em cada uma de suas etapas”.¹⁰³ Essas têm como fase preliminar a crítica textual,¹⁰⁴ e a partir dela “passa-se a uma crítica literária que decompõe (pesquisa das fontes), depois a um estudo crítico das formas, enfim a uma análise da redação, que é atenta ao texto em sua composição”.¹⁰⁵ Além disso, a crítica histórica pode completar a crítica literária “para determinar seu alcance histórico, no sentido moderno da expressão”.¹⁰⁶ Essa última postura, aliada a uma crítica da tradição, faz parte da metodologia aplicada para a análise dos textos do Avesta, entendendo-se neste trabalho uma crítica sociológica também inserida nesta análise histórica.

Essas etapas estão interligadas de tal forma que uma acaba, necessariamente, remetendo às outras, sem que cada uma delas seja menos importante. Além disso, essas etapas não precisam, necessariamente, estar expostas nessa ordem rigorosa na exposição final do trabalho. Sumariando, podemos descrever os métodos histórico-críticos como aqueles que buscam entender o texto a partir de seus pressupostos, intenção e compreensão originais, bem como também as interpretações sucessivas em seu processo de estabelecimento.¹⁰⁷

Os textos primários utilizados neste trabalho são as edições críticas. Para o texto dos Gathas, os que são considerados como sendo os melhores pela crítica atual: o texto crítico de Jean Kellens e Eric Pirart, *Les textes vieil-avestiques* (3 v., 1988-1991), e o texto de Helmut Humbach, P. O. Skjaervo e J. Elfenbein (*Die Gathas des Zarathustra*, 2 v., 1959) traduzido para o inglês, *The Gâthâs of Zarathustra and the Other Avestan Texts* (2 v., 1991). Esses textos foram cotejados com traduções de Mary Boyce (*Textual Sources for the Study of Zoroastrianism*, 1990) e a antiga tradução de L. H. Mills editada por F. M. Müller (SBE v. 31). Para os demais textos do Avesta Posterior e os da tradição medieval foram usadas as edições críticas mais conhecidas. Pela extensão das escrituras zoroástricas, não foi possível analisar de forma abrangente todas as ocorrências referências ao tema; assim sendo, o trabalho se limitou aos textos considerados de maior importância

¹⁰² PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 41 (grifo do autor).

¹⁰³ Ibidem.

¹⁰⁴ Vale ressaltar que a *crítica textual* não faz parte do método (não é uma etapa): trata-se da fase preliminar que estabelece o texto para nele se aplicar o método.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 40.

¹⁰⁶ Ibidem, p. 43.

¹⁰⁷ SIMIAN-YOFRE, H. (Org.). Diacronia: os métodos histórico-críticos. In: *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 73-108; aqui p. 74-75.

para o objetivo proposto.

Para o livro de Daniel foi utilizado o texto e aparato crítico da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, 5ª edição (1997); já para o texto de Mateus foi utilizado o *Novum Testamentum Graece*, 27ª edição (1993), bem como a obra de Kurt e Barbara Aland.¹⁰⁸ Para os textos bíblicos em português foram usadas a *Bíblia de Jerusalém*, nova ed. rev. amp. (2002, da qual se usou também as abreviações dos nomes dos livros e a forma de citação adotada por ela), a *Nova Versão Internacional* (Sociedade Bíblica Internacional, 2000), e a *Versão Revisada da Imprensa Bíblica Brasileira* (1994). Em alguns textos importantes para o trabalho além das perícopes de Daniel e Mateus, optou-se por tradução própria devido a questões exegéticas.

Para o texto da LXX foi usada especialmente a edição de A. Rahlfs (Stuttgart) e, para uma importante variante no texto grego de Dn 12, a antiga obra de J. Ziegler (Göttingen).

Em relação à tradução dos textos bíblicos objetos da pesquisa, prezou-se por respeitar a sintaxe hebraica e grega, a escolha das palavras e outras peculiaridades desses idiomas, mas procurando fazer o mesmo em relação à língua portuguesa, respeitando também sua sintaxe e o caráter literário da transposição de um texto para outro. A segmentação foi feita baseada no seguinte critério: para cada verbo (explícito ou implícito) uma linha; essa adoção do critério praticamente único (o do verbo) foi feita simplesmente com o intuito de não alongar muito a exposição da tradução.

No caso dos chamados apócrifos e pseudepígrafos, as traduções presentes no trabalho foram feitas a partir da obra de R. H. Charles (Oxford, *APOT*) e da obra de J. H. Charlesworth (Princeton, *OTP*, editada por Doubleday, NY), mais recente, sempre cotejando aquela com esta e, por vezes, com a versão espanhola editada por A. D. Macho (*Apócrifos del Antiguo Testamento*, Madrid, 2. ed.). Para os textos do Oriente Antigo, as traduções se deram especialmente a partir da obra de J. B. Pritchard (*ANET*, Princeton), sendo que, para o poema de Gilgamesh, foi usada também a edição de Benjamin Foster (Yale). No caso de Hesíodo, as traduções se deram a partir da edição de M. L. West (Oxford), cotejada com a edição de P. Mazon (Paris). Citações de outros textos antigos são indicadas em notas de re-

¹⁰⁸ ALAND, K.; ALAND, B. *The Text of the New Testament: An Introduction to the Critical Editions and to the Theory and Practice of Modern Textual Criticism* (2. edn. rev. eng., 1989).

ferência.

Nos casos em que foram feitas transliterações (especialmente de nomes próprios e conceitos-chave nas narrativas), foram usadas, para os caracteres gregos, as *Normas de transliteração de palavras do grego antigo para o alfabeto latino*, adotadas pela Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos,¹⁰⁹ e para os caracteres hebraicos a proposta do *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*.¹¹⁰ Para o texto do Avesta, tendo em vista não existir uma padronização acadêmica uniforme, optou-se pelas transcrições mais utilizadas pelos estudiosos.

Enfim, por fugir ao escopo e à extensão propostos neste trabalho, deixou-se de realizar uma análise da aplicação teológica da mensagem de Dn 12,1-3 e de Mt 27,51b-53 ao mundo contemporâneo, o que seria um importante complemento ao tema tratado. Em princípio, a realização de tal análise chegou a ser pretendida em um último capítulo, dada a relevância da mensagem de cada um deles. Entretanto, longe de esgotar o assunto (o que, pelas suas próprias implicações vastas, seria impossível), esperamos que este trabalho incentive novos estudos do tema junto à crítica histórico-literária e à exegese bíblica.

¹⁰⁹ Cf. texto e comentários em MURACHCO, H. G. *Língua grega*, p. 40-42. v. 1.

¹¹⁰ JENNI, E.; WESTERMANN, C. (Ed.). *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, p. 20-22. v. 1.